

O MOVIMENTO DA CIDADE AS MÚLTIPLAS VOZES EM *HOMBRES DE MAR*, DE ÓSCAR COLCHADO LUCIO

THE CITY MOVEMENT THE MULTIPLE VOICES IN *HOMBRES DE MAR*, BY ÓSCAR COLCHADO LUCIO

Yo no soy un aculturado; yo soy un peruano que orgullosamente, como un demonio feliz, habla en cristiano y en indio, en español y en quechua.
(José María Arguedas)

Yo siempre fui un migrante, una especie de mitimae.¹
(Óscar Colchado Lucio)

Rosane Cardoso*

 <https://orcid.org/0000-0002-8471-307X>

Centro Universitário Univates e Universidade de Santa Cruz do Sul

Recebido em 30/07/23. Aceito em 01/10/23

Resumo: este artigo analisa *Hombres de mar*, de Óscar Colchado Lucio, escritor andino-peruano que, na obra em questão, concentra seu olhar na região do Chimbote, área pesqueira que teve seu auge nos anos de 1960. O foco do estudo é o processo migratório que envolve as personagens em um espaço em que o idioma espanhol instituído convive – e se mescla – com o quéchua subalternizado; em que o homem da serra se embate com o da costa; em que, no âmbito estético, a literatura peruana neo-indigenista dá lugar à narrativa andina; em que a voz que narra se mescla àquela que escreve. O objetivo deste estudo é refletir sobre o impacto desse movimento na construção de identidades, inclusive a autoral, pautadas pela heterogeneidade e hibridização (Cornejo Polar). Ao possibilitar que essas variadas nuances conjuguem a vida urbana costeira e a cosmovisão andina, Colchado Lucio arquiteta o Chimbote como um entre-lugar (Silviano Santiago), onde o cais tanto é personagem quanto local de diálogo e de interface de línguas e vozes.

Palavras-chave: Espaço. Narrativa andina. Identidade migrante. Heterogeneidade. Óscar Colchado Lucio.

* Mestra e doutora em Letras pela PUCRS, tem pós-doutorado pela Universidade de Granada, Espanha e, atualmente, é professora dos Programas de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande/FURG e da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC. Desenvolve pesquisas sobre Memória e violência na narrativa latino-americana contemporânea e Literatura infantil e juvenil. Dentre as publicações, destacam-se os livros “Espaços de memória na literatura espanhola e hispano-americana” (2020) e “Princesas que viram monstros” (2020).

¹ *Mitimae* (*mitmaq*, em quéchua) é um membro ou um grupo de indígenas que, durante o império incaico, era enviado a uma região estratégica com propósitos políticos, culturais, religiosos e/ou administrativos.

Abstract: the subject of this article is *Hombres de mar* by Oscar Colchado Lucio, an Andean-Peruvian writer who, in the work in question, focuses his gaze on the Chimbote region, a fishing area that saw its peak in the 1960s. The focus of the study is the migratory process that involves the characters in a space where the established Spanish language coexists and blends with the subordinated Quechua language; where the man from the mountains contends with the man from the coast; where, in the aesthetic context, Peruvian neo-indigenist literature gives way to Andean narrative; where the voice that narrates merges with the one that writes. The aim of this study is to reflect on the impact of this movement on the construction of identities, including authorial identities, guided by heterogeneity and hybridization (Cornejo Polar). By allowing these varied nuances to combine coastal urban life with Andean cosmology, Colchado Lucio architects Chimbote as an in-between place (Silviano Santiago), where the dock is both a character and a site for dialogue and the interface of languages and voices.

Keywords: Space. Andean narrative. Migrant identity. Heterogeneity. Oscar Colchado Lucio.

Considerações iniciais

A partir de meados do século XX, a intensificação dos deslocamentos dos Andes para a costa peruana relativizou, em definitivo, as categorias fechadas “centro” e “periferia”, existentes desde a época colonial. Evidentemente, tal movimentação provocou repercussões importantes de ordem econômica, social, política e cultural e, neste campo, a literatura se envolveu quase de imediato no fenômeno, caso do escritor Óscar Colchado Lucio (1947-2023).

Reconhecido como pertencente à corrente literária andina ou pós-indigenista, Colchado Lucio (doravante OCL) é autor de contos, romances, poesia e literatura infantil e sua obra se destaca por revisitar o universo mítico andino-peruano. Sua trajetória literária iniciou-se com *Cordillera negra* (1985), coletânea de contos sobre a vida andina e sobre a longa história de violência política e social do Peru. Esses temas são aprofundados em *Rosa Cuchillo* (publicado em 1997), provavelmente a obra mais festejada do autor. No romance, o mundo dos mortos convive com o dos vivos, circundado pela guerra entre o Partido Comunista do Peru, o Sendero Luminoso, e as forças do Estado.

Em *Hombres de mar*, objeto deste estudo, OCL recorre a outra faceta de seu país, abordando a vida em uma cidade para onde afluem os mais variados tipos humanos. A cidade de Chimbote, capital da província de Santa, está situada na região de Áncash, às margens do Pacífico, desembocando no rio Lacramarca. O território foi habitado pelas culturas Moche, Inca, Wari e Recuay. As atividades da cidade aumentaram quando, em 1871, foi construída uma ferrovia² até Huallanca, com o propósito de unir a serra e a costa de Áncash. No ano seguinte, é instalada uma imponente infraestrutura portuária, o que levará ao êxito no campo pesqueiro, que durará quase um século.

Durante os anos de 1960, a cidade cresceu desproporcionalmente e, até o início dos anos 1970, foi considerado o primeiro “país” pesqueiro do mundo. A busca por mão de obra era intensa e trabalhadores de todo o Peru afluíram à cidade. Na sequência, o comércio se ampliou

² Essa ferrovia foi basicamente construída por imigrantes chineses, segundo o blog *Provincia del Santa*, material informativo oficial sobre a cidade.

e outros serviços se tornaram necessários ao desenvolvimento de Chimbote. Porém, o excesso de produção pesqueira, o fluxo cada vez maior de pessoas e a exploração sem cuidados da natureza levaram à inevitável contaminação ambiental. Já em processo de decadência econômica e social, o lugar recebeu mais um golpe, em meados dos anos de 1970, quando ocorreu um terremoto que destruiu grande parte da cidade, além de provocar inúmeras mortes. A ferrovia foi completamente abandonada após o cataclismo (PROVINCIA DEL SANTA, 2022).

O olhar para a efervescência de Chimbote tem sido tema de uma larga história literária, graças aos desdobramentos da vida portuária. Para Ricardo Ayllón (2013), o feito se deve, ao menos parcialmente, a José María Arguedas, com *El zorro de arriba y el zorro de abajo* (de 1969), e a Guillermo Thorndike, com *El caso Banquero* (de 1974):

Graças a esses dois livros, Chimbote se torna um lugar visível dentro dos romances peruanos e universais. Esclarecendo, sim, que com eles a referida cidade se torna visível apenas como cenário ficcional (total ou parcial), o que não é o mesmo que torná-la perceptível como um verdadeiro espaço de atividade criativa. A partir desta premissa, importa compreender que no Chimbote existe um corpus narrativo local da pesca, interior, que começou a se expressar de forma muito particular, antes mesmo do aparecimento do romance de Arguedas (AYLLÓN, 2013, p. 193, *tradução nossa*)³.

Outros autores se destacam ao apresentar a cidade e sua cultura pesqueira, como Julio Ortega, Rogelio Peralta Vásquez, Julio Orbegozo Ríos, Brander Alayo Alcántara, Marco Merry, Augusto Rubio Acosta, Ítalo Morales, Leónidas Delgado León, entre outros. OCL amplia essa lista com diversos contos que têm como base a pesca e a vida naquele local. Neste estudo, percebe-se o Chimbote como um entre-lugar, seja enquanto processo onde se imbricam identidades, seja como a condição de escritura de um autor andino que, justo por ser andino, coloca-se em choque não só com o protagonismo europeu, mas também com a hegemonia *criolla* da literatura peruana⁴. Assim, considera-se, neste trabalho, a obra colchadeana como um discurso de resistência a hegemonias, já que OCL cumpre, segundo se defende, a premissa de Silviano Santiago:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem ser peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. (SANTIAGO, 2000, p. 16)

³*Do original*: Gracias a estos dos libros, Chimbote se convierte en un paraje visible dentro de la novelística peruana y universal. Aclarando, eso sí, que con ellos la referida localidad se hace visible solo como escenario de ficción (total o parcial), lo cual no es lo mismo a que se haga perceptible como espacio cierto de la actividad creativa. Desde esta premisa, es importante entender que en Chimbote existe un corpus narrativo local de la pesca, interior, que empezó a expresarse de modo muy particular, incluso, antes de la aparición de la novela de Arguedas

⁴De acordo com o escritor e crítico literário Luis Nieto Degregori (1999), há dois tipos de narrativa peruana: a *criolla* e a andina. A primeira vertente está associada à modernidade e à qualidade técnica, tem maior acesso a editoras e à crítica jornalística. Já a vertente andina necessita de mecanismos mais informais para dar a conhecer suas obras – geralmente com autoedição e distribuição direta via autores e/ou colaboradores. Ou seja, mesmo que a literatura andina já seja reconhecida, ainda se encontra subalternizada.

O espaço de escrita e o espaço ficcional de OCL, através da linguagem literária, também compreendem o conceito de heterogeneidade de Cornejo Polar (1994), ao pensar na literatura latino-americana e nas literaturas regionais como totalidades contraditórias, isto é, heterogêneas. No Chimbote criado pelo autor em foco, convivem elementos conflitantes de diferentes culturas na composição de um determinado sistema. Ademais, dentro de cada cultura, há conflitos internos a construir identidades em processo sempre dinâmico.

Segundo Bueno Chávez (2004), a heterogeneidade proposta por Cornejo Polar é um conceito essencial para a América Latina pensar sobre si mesma, já que se trata de um conceito firmemente amparado na sociedade – partida e fragmentada –; na história – desde a conquista –; e na cultura – nos princípios estruturantes da civilização. O teórico acrescenta que a heterogeneidade, enquanto categoria, transcende processos como a transculturação, mestiçagem, diversidade ou hibridismo, pois estes aludem a movimentos meramente raciais ou culturais, enquanto o conceito de heterogeneidade compreende processos inerentes à base das diferenças sociais, culturais, literárias, entre outras, da realidade da América Latina (p.21). A heterogeneidade é o conflito. Assim como o entre-lugar.

O Peru, em termos de superfície, divide-se em três grandes unidades geomorfológicas bastante distintas e irregulares: a costa, a Amazônia e os Andes. De acordo com Rosas (2016), 58% do território corresponde à selva; 30%, aos Andes; e 12%, à costa. Ao norte, a República del Perú limita com a Colômbia e o Equador, ao leste, como o Brasil e a Bolívia e, ao sul, com o Chile. O Oceano Pacífico banha todo o seu litoral, a oeste.

A Cordilheira dos Andes⁵ é de vital importância para a vida peruana. Não só atravessa o país, como é responsável por moldá-lo nos aspectos geográficos, climáticos e econômicos. Sua extensão compreende zonas não cultiváveis, assim como vales férteis localizados entre 2.500 e 3.550 metros acima do nível do mar. Em um desses vales, Cusco, foi fundada a capital dos incas (3.600 metros). Na parte sudeste do país, encontra-se a bacia do Titicaca, o lago navegável mais alto do mundo (ROSAS, 2016).

As tentativas de conceituar o andino passam, muitas vezes, pela redução a determinada geografia ou mesmo a um tempo específico, considerando as culturas antigas e excluindo o contemporâneo. Outra denominação – que interessa especialmente a este estudo – é o olhar para o “ser andino” como pessoa ou objeto arraigado aos Andes, estaticamente. Nessa concepção, o andino é como um monumento a ser observado por turistas e fotógrafos em busca de figuras exóticas. Também é uma recorrência conceitual a oposição entre a serra e a costa, sendo a primeira andina e a segunda, *criolla*. Ketty Laureano (2017) sustenta que “não existe um conceito finalizado do andino. O que há são algumas perspectivas teóricas multidisciplinares sobre suas diversas e complexas dimensões” (p.23). O historiador Enrique Ayala Mora apresenta seu posicionamento a esse respeito, rompendo com restrições conceituais:

A América andina é um espaço que tem os Andes como espinha dorsal, mas que abarca a diversidade de grande parte da América do Sul que se expressa na esfera humana e social, pois não é possível compreender o que é crioulo, mestiço, *cholo*, preto, pardo ou indígena, isoladamente, mas em

⁵ Etimologicamente, Andes provém de “anti”, do quéchua, e significa “oriente”, conforme atesta Garcilaso de la Vega, em seus *Comentarios reales*: “Llamaron a la parte del oriente Antisuyu, por una provincia llamada Anti que está al oriente, por la cual también llaman Anti a toda aquella gran cordillera de sierra nevada que pasa al oriente del Perú (GARCILASO DE LA VEGA, 1985, p. 83).

sua relação com “o outro”. Na noção de “lo andino” encontramos um projeto identitário comumente utilizado na opinião pública de nossos países, e ao qual subscrevemos como forma de nos identificarmos em comum acordo. No entanto, a América andina não é um assunto pronto, mas uma realidade em transformação e em processo de construção. E nesse processo, o sistema de integração é fundamental, pois institucionaliza não apenas os elementos de identidade, mas também os espaços de troca e de força como bloco diante de um mundo globalizado. (AYALA MORA, 2012, *tradução nossa*)⁶

Apesar de sua potencialidade, o preconceito ainda é um grande desafio a ser vencido e o povo andino, marcado pelo termo *cholo*⁷, sofre de uma marginalização secular, com base no racismo incessante, como denuncia Laureano:

Em Lima, éramos os outros, os serranos, os provincianos, os cholos. Em conclusão, éramos os não limenhos. Na década dos oitenta e noventa, milhares de pessoas migraram fugindo do terrorismo da serra à capital, de zonas rurais a zonas urbanas. Nós não migramos por esse motivo. Nós migramos na busca de melhores condições econômicas e educativas. Com o passar do tempo, compramos um terrenito na periferia de Lima. Todos meus vizinhos eram migrantes como nós. Mas o racismo era e é tão forte que entre nós nos choleabamos⁸ para nos afastar da nossa condição de migrantes cholos. (LAUREANO, 2017, p. 13)

A autora pondera que o menosprezo pela referida cultura se inicia no período da conquista, com a captura de Atahualpa⁹ e consequente dominação dos Andes. Para Burga (2001), a partir daquele momento, o andino “torna-se gradual e abertamente, ao longo do período colonial, naquilo que é subalterno, conquistado, derrotado, autóctone e, finalmente, indígena” (BURGA, 2001, p.1)¹⁰. Considerado, pois, o andino como uma categoria social à parte, o andino é o outro. No entanto, não se trata de uma concepção distanciada no tempo, mas que se estende do período da conquista, passando pela colonização e chegando, incrivelmente, à atualidade, como conclui Canclini: “os indígenas não são diferentes apenas pela sua condição étnica, mas também porque a reestruturação neoliberal dos mercados agrava sua desigualdade e exclusão” (CANCLINI citado em LAUREANO, 2017, p. 18).

⁶ *Do original*: América Andina es un espacio que tiene a los Andes como espinazo, pero abarca la diversidad de una amplia porción de Sudamérica que se expresa en el ámbito humano y social, pues no se puede entender lo criollo, lo mestizo, lo cholo, lo negro, lo pardo, o lo indio, por sí mismo, sino en su relación con “el otro”. En la noción de “lo andino” encontramos un proyecto de identidad de uso corriente en la opinión pública de nuestros países, y al cual nos adscribimos como una forma de identificarnos en el concierto continental. Sin embargo, América Andina no es un sujeto ya hecho, sino una realidad cambiante en proceso de construcción. Y en ese proceso el sistema de integración es fundamental, puesto que institucionaliza no solo los elementos de identidad, sino también los espacios de comercio y de fortaleza como bloque ante un mundo globalizado.

⁷ O termo foi empregado pela primeira vez em *Comentarios reales de los incas*, do Inca Garcilaso de la Vega (Gómez Suárez de Figueroa, de nascimento), publicado em 1609 e 1616.

⁸ Segundo a autora, trata-se da situação em que *cholos* discriminam a outros *cholos* pela sua condição como tal.

⁹ Atahualpa (nascido, aproximadamente, em 1500 e morto em 1533) foi o último soberano inca.

¹⁰ *Do original*: se convierte gradual y abiertamente, a lo largo del periodo colonial, en lo subalterno, lo dominado, lo derrotado, lo autóctono y finalmente, lo indio.

A situação periférica de homens e mulheres andinos levam, frequentemente, à busca por outras condições de vida e o movimento migratório tem merecido inúmeros estudos nas últimas décadas. No entanto, como pontua Eugene Gogol (citado em LOUIDOR, 2016), os migrantes não se colocam como vítimas de um desarraigo compulsório. Ao contrário. Eles se afirmam como sujeitos e conseguem converter a migração forçada em um processo de transformação social.

El mitimae

A construção da identidade do sujeito migrante se dá em sentido de fragmentação, o que é, para Cornejo Polar (2000, p.130), compatível com a natureza humana, pois estamos imersos em variadas experiências no tempo e no espaço. Assim, para quem está em estado de migração,

(a) fragmentação talvez seja sua norma. (...) a passagem de uma cultura a outra, em mais de um sentido contrapostas, cujo signo maior é um bilinguismo que, mesmo se fosse simétrico – e quase nunca o é - produz uma aguda ansiedade pelo confuso hibridismo de lealdades e pragmatismos.

Esse dinamismo é compatível com a formação de um sujeito bi/multilíngue e imbricado em culturas e geografias que se integram ao mesmo tempo em que ressaltam as particularidades de cada universo. Em *Hombres de mar*, o leitor se depara com o sujeito andino em trânsito em duas instâncias. Internamente, no que tange ao romanesco, OCL brinda o leitor com personagens que assumem uma identidade híbrida, na qual implicam e são implicados. Simultaneamente, existe o próprio autor que também é e escreve como um sujeito migrante. Esse processo leva a pensar sobre perspectivas possíveis para refletir sobre a narrativa andina peruana atual, sobre o homem por trás das letras e da história que conta e sobre aqueles que, como migrantes e como andinos, movimentam a cidade que coloca em xeque a sua identidade.

O Peru é um país com cerca de 50 línguas vernáculas, sendo a maioria indígena. O idioma mais falado é o espanhol, seguido pelo conjunto de línguas quéchua¹¹, o aimará e as línguas amazônicas. Nas zonas urbanas, especialmente as da costa, predomina o espanhol como único idioma, fator que, muitas vezes, provoca um choque linguístico e social entre *serranos* e *costeños*, principalmente diante do cenário sempre crescente de migração da serra para a costa e outros centros urbanos. Os *cholos* precisam conviver com o preconceito e com a necessidade de adequar-se a novos costumes.

Este tem sido um tema caro à literatura andino-peruana e, antes de seguir com OCL, é necessário reconhecer o papel que José María Arguedas (1911-1969) teve na história literária de seu país, já que a base da sua obra está em apresentar os símbolos do universo quéchua-andino, oferecendo aos leitores uma cosmovisão do habitante dos Andes peruanos. Arguedas demonstra a complexidade do país onde, segundo ele, indígenas, *criollos*, mestiços, brancos, grupos sociais, proprietários de terras, camponeses, áreas rurais e urbanas, pobres, ricos, todos

¹¹ Segundo o Ministério de Cultura peruano, o quéchua é uma família linguística, com diversas variedades distribuídas em sete países de América do Sul (Peru, Equador, Colômbia, Bolívia, Argentina, Chile e Brasil). No Peru, as variedades do quéchua se agrupam em dois grandes segmentos: quéchua I e quéchua II. O primeiro está localizado na zona central do país e o segundo, nas zonas norte e sul. Essa distribuição está relacionada aos fenômenos históricos de expansão do idioma no último milênio, cujo processo explica a existência de diversas variantes geográficas (MINISTERIO DE CULTURA, 2022).

estão (se) construindo (n)o mesmo universo. É o que o escritor propõe em *Todas las sangres*, obra em que busca representar os variados âmbitos da vida peruana, alinhando culturas, geografias e etnias. Para Arguedas, o mundo indígena não é um cosmos (convenientemente) isolado, alheio a outros espaços. Esta é uma perspectiva vital para a discussão do tema deste estudo.

OCL é um discípulo confesso de Arguedas. Como seu antecessor, não entende a cultura andina isolada de todo o movimento que a circunda e do qual faz parte. Em entrevista concedida a Arturo Valverde, o autor afirmou que *Hombres de mar* é resultante “(...) da minha infância em Chimbote, a partir do testemunho inconsciente das coisas, procurando reinterpretar os acontecimentos históricos da cidade” (VALVERDE, 2023, *tradução nossa*)¹². Com essa afirmativa, o autor reitera seu envolvimento como um portador de memórias pessoais e coletivas. Ou melhor, como sujeito enunciador do discurso migrante, um homem que é urbano e *serrano* simultaneamente, que elabora sua narrativa a partir de memórias que, sim, são ancestrais, mas que também estão nas ruas de um grande centro urbano. Ele ainda é aquele que fabula através do idioma quéchua, do espanhol ocidental e da mescla desses dois. Como pontua Valverde, “(...) as experiências que se herda não se perdem, se modernizam. O homem andino agora viverá nas cidades, mas seu espírito está sempre ligado aos costumes herdados de seus pais e, sobretudo, à sua literatura popular.” (VALVERDE, 2023, *tradução nossa*)¹³.

A narrativa andina¹⁴, conforme destaca Juan Alberto Osorio (2016), é a expressão de uma cultura mestiça em que o componente andino se destaca. Além disso, “(...) esta literatura oral ou escrita, em quéchua ou aimará, aproxima-se da etnoliteratura e se caracteriza pela escassa presença de códigos e exigências da literatura ocidental.” (2023, *tradução nossa*)¹⁵. Osorio ainda acentua que essa categoria narrativa é produzida por intelectuais de classe média ou alta, originários dos Andes e, portanto, com grande conhecimento do mundo indígena, capazes, então, de mesclar elementos realistas do Ocidente e míticos dos Andes. Nesse sentido, a escritura andina deixa transparecer o interesse pela oralidade, revelando a deferência pela literatura peruana que tem seu início muito antes da conquista.¹⁶ Na concepção de Osorio, “(...) a narrativa andina visa subverter as formas literárias ocidentais e marcá-las com traços nacionais, como expressões de uma identidade literária.” (2023, p. 158, *tradução nossa*)¹⁷.

¹² *Do original*: (...) de mi infancia en Chimbote, desde el inconsciente testimonio de las cosas, buscando reinterpretar los acontecimientos históricos del pueblo.

¹³ *Do original*: (...) Las experiencias que uno hereda no se pierden, se modernizan. El hombre andino vivirá ahora en las ciudades, pero su espíritu está ligado siempre a esas costumbres heredadas de sus padres y, sobre todo, a su literatura popular.

¹⁴ A narrativa denominada andina compreende um conjunto de textos que passaram a ser conhecidos como pós-indigenistas ou andinos, de acordo com o que preconiza Tomás Escajadillo (1994). A denominação de pós-indigenista já pressupõe o seu espaço no âmbito da novela peruana, mas, sobretudo, indica textos que rompem com as reivindicações anteriores, principalmente com o localismo. A narrativa andina está para além da geografia andina. Pode-se dizer, a partir disso, que a literatura dessa vertente abarca mais leitores por sua linguagem e espaço geográfico mais universais, ainda que mantendo e/ou privilegiando o receptor com o mundo andino.

¹⁵ *Do original*: esta literatura oral o escrita, en quechua o aymara, es próxima a la etnoliteratura y se caracteriza además por la escasa presencia de códigos y exigencias de la literatura occidental.

¹⁶ Toro Montalvo (1994) destaca que descrições e rituais relativos aos deuses eram os principais temas da literatura pré-colombiana e acrescenta que o teatro teve grande importância no período. Além da literatura oral anterior à conquista, James Higgins (2006) chama a atenção para o número significativo de textos literários em quéchua que proliferaram ao longo do período colonial. Vários cronistas se preocuparam em registrar os textos da tradição oral, entre eles, Garcilaso de la Vega, Pedro Sarmiento de Gamboa, Juan de Betanzos, Joan de Santa Cruz Pachacuti Yamqui Salcamaygua, entre outros. No entanto, o autor alerta para o fato de não ser literatura incaica por, obviamente, tratar-se de versões coloniais.

¹⁷ *Do original*: (...) la narrativa andina pretende subvertir las formas literarias occidentales, y marcarlas con huellas nacionales, como expresiones de una identidad literaria

Não é objetivo deste artigo aprofundar a discussão em torno das especificidades da literatura andina e de seus autores. O propósito é apresentar a sua aderência a questões atinentes à andinidade e ao vínculo existente entre essa vertente estética, o sujeito migrante e a cidade.

Chimbote, onde OCL passou a infância, é uma das cidades mais populosas do Peru e um dos motes narrativos que mais interessam ao autor. A chegada massiva de diversos tipos humanos chamou a atenção de Cornejo Polar:

uma migração massiva cujos protagonistas tinham as mais variadas origens geográficas e condições sociais infinitamente diversas: estrangeiros de múltiplas origens, *criollos* costeiros e afro-peruanos, mas – sobretudo – indígenas e mestiços andinos, todos misturados em uma torrente multiétnica e plurissocial (...) que preferiram enfrentar a temível ameaça do mar, recém-descoberto, e maquinários nunca antes vistos, certamente também aterradores, do que repetir sua servidão secular e sem fim. (CORNEJO POLAR, 1997, p. 269-270, tradução nossa)¹⁸

A trama de *Hombres de mar* se desenrola ao longo de um período que se estende desde a década de 1970 (sob o governo de Francisco Morales Bermúdez) até aproximadamente o ano 2000, quando ocorre, em Lima, a conhecida Marcha por los Cuatro Suyos.¹⁹ A extensão da narrativa, 521 páginas, é coerente com a abrangência de personagens, tipos, locais ou, como disse Cornejo Polar, da agitada hermenêutica social. OCL desenvolve narrativas a partir de variadas facetas que identificam a condição migrante e o Chimbote colchadeano movimentando atividades complexas, desde a sindical, relacionada à pesca, até as geradas pelo tráfico de drogas, que se instala com a mesma rapidez com que ocorre a decadência da economia pesqueira. Mas, claramente, Chimbote é o protagonista que domina toda e qualquer cena e se constrói no movimento: lideranças de esquerda, membros de gangues, prostitutas, migrantes andinos. Para estes, o embate com o lugar é maior. Primeiro se deparam com o mar, um ilustre desconhecido para eles. Logo, precisam aprender a ser pescadores. Por fim, será preciso dominar a língua comum, o espanhol. É quando a oralidade passa a ser outro efeito importante no trabalho.

O romance baseia-se no diário do guerrilheiro Manuel Rojas Padilla²⁰, militante senderista. Repleto de relatos pessoais, a par de memórias que fazem parte da história coletiva peruana, o manuscrito passa às mãos de OCL como uma forma de questionar o ato de criação literária, enquanto narra o fim do século XX peruano, momento que se assemelha a uma catástrofe de dimensões bíblicas. Multifacetada e fragmentada, a obra abraça de ingênuas histórias de amor a lutas sociais, mostrando o confronto jovens revolucionários com políticos poderosos, com a relativa vitória dos estudantes que conseguem mobilizar uma grande greve dos pescadores do

¹⁸ *Do original:* (...) una masiva migración cuyos protagonistas tenían las más variadas procedencias geográficas y condiciones sociales de infinita diversidad: extranjeros de múltiples orígenes, criollos costeros y afroperuanos, pero – sobre todo – indios y mestizos andinos, todos mezclados en un torrente multiétnico y plurisocial (...) que prefirieron enfrentarse a la temible amenaza del mar, recién descubierto, y a maquinarias nunca vistas, ciertamente también aterradoras, que repetir su inacabable y secular servidumbre.

¹⁹ Mobilização nacional ocorrida em Lima com o objetivo de depor Fujimori, denunciar as fraudes eleitorais e, assim, elevar Alejandro Toledo ao poder. Esse evento, ainda que iniciado em Lima, mobilizou peruanos de todo o país e de todas as regiões.

²⁰ A história de Rojas Padilla aparece, em sua totalidade, em outra obra de Colchado Lucio: *El cerco de Lima* (2013).

porto. Entre realidade e ficção, entre o diário de Padilla e a escrita colchadeana está o testemunho de acontecimentos que foram cruciais para Chimbote ao longo de três décadas.

Chandía Araya (2016, p. 148) chama a atenção para a nostalgia presente na obra, como uma crítica ao presente. É nessa interface que se constitui a narrativa, ainda que não se trate da permanência em um passado improdutivo, mas no passado como referente vital para a construção do presente. Para o teórico, *Hombres de mar* não é uma história nem de esplendor, nem de derrota, mas de processo de ruptura e de projeto a ser construído. Para ele, a obra de OCL é o romance da crise e da utopia, um lapso de tempo em que a região passa da decadência da pesca para as lutas sociais, contexto que, logo em seguida, será ainda mais abalado, em nível peruano, pela guerra civil entre senderistas e Estado, e, em nível de América Latina, pela economia de livre mercado

A variedade de tipos humanos constrói a efervescência cidadina, a par dos espaços, na narrativa, que se diversificam em ruas, no burburinho do cais, na vida de *la bolichera* (o barco pesqueiro Flor de Chimbote), no colégio técnico e no prostíbulo. Em tudo está a presença do jovem Pedro Chinchayán²¹. Graças a ele, o sindicalismo tomará forma e ganhará força, tornando-se elementar em toda a trama. O leitor acompanha sua trajetória de aluno exemplar a pescador, a profissão “natural” dos homens pobres da região portuária. Por fim, e em função da lida pesqueira, Chinchayán torna-se um líder sindicalista, razão pela qual passa a ser perseguido e conhece a tortura. A despeito do que sofre, Pedro não absorve a dimensão dos desmandos políticos do local, nem a causa pela qual é preso:

Os pescadores da associação sindical e os outros detidos são, um por um, interrogados: vejamos, de que partido político você é?, perguntam a Chinchayán. Ele dá de ombros. Partido? Não sabia o que era isso. Politicamente, ele se considerava independente. O homem olha para ele furiosamente por alguns instantes, abaixa o olhar e se crava no papel: “Militante ativo do Partido Comunista.” (COLCHADO LUCIO, 2011, p. 145, *tradução nossa*)²²

Se o idealismo de Chinchayán emerge como um problema para a ordem vigente, o oportunismo de Marcial Quinllay, de apelido Muki²³ vai exatamente ao encontro de um sistema marcado pela corrupção. Quinllay é migrante miserável vindo da serra que chega à riqueza, aparentemente devido a trabalho duro e ao consequente lucro pesqueiro que teria lhe oportunizado barcos, empregados e empresas. Mas seu enriquecimento não vem do mercado pesqueiro da poderosa máfia no Chimbote. Ele cria uma rede de produção que se desenvolve desde as plantações de coca na selva andina, passando pelas rotas de transporte no litoral até o despacho

²¹ O nome de Chinchayán permite algumas interpretações interessantes e variadas, a saber: Chinchá: pequena rede de arrastão ou barco de pesca que carrega esta rede. Chinchá também é uma cidade do Peru e seu nome é proveniente de “Chinchay”, ou jaguar, divindade do antigo povo Chinchá. O local tem grande influência afro-peruana. Quanto à segunda parte do nome, “Ayan”, na cultura africana, é o orixá do tambor. Além disso, “Ayan”, em línguas antigas, como sânscrito e persa, significa “caminho” ou “via”.

²² Los pescadores de la Junta y los demás detenidos, uno por uno, son interrogados. A ver, ¿de qué tienda política eres?, le preguntan a Chinchayán. Él se encoge de hombros. ¿Tienda? No sabía qué era eso. Politicamente, se consideraba independiente. El hombre lo mira con furia unos instantes, baja la mirada y clava en el papel: “Activo militante del Partido Comunista”.

²³ *Muqui* ou *Muki*, em quéchua, significa um duende que habita o interior de minas. O *muki* pertence à mitologia dos Andes Central, especificamente Bolívia, Peru, Equador e Colômbia. De pequena estatura, tem a voz grave e rouca, corpo desproporcional, cabelo e barba longos e claros. Na mitologia andina, o *muki* é conhecido pelos poderes de entorpecer o trabalho dos mineiros, ao produzir ruídos estranhos, fazendo desaparecer ferramentas, provocando esgotamento ou mudança do veio mineiro. Porém, se o mineiro fizer um pacto com o Muki, trazendo-lhe riquezas, ele poderá receber muitas benesses em troca. *Muki* também significa, em quéchua, “úmido” ou “umidade”, razão porque os *mukis* costumam aparecer onde existe água (CARRASCO LIGARDA, 2016).

pelos navios portuários. A figura emblemática de Marcial Quinllay deixa claro as relações de poder que se estabelecem a partir da fachada pesqueira. O empresário não está mancomunado apenas com outros chefes do tráfico – no porto, no Peru e internacionalmente. A rede de crime organizado, sequestros, emboscadas e assassinatos recebe proteção das altas cúpulas. Flagrado e preso, Muki foge para o Brasil, de onde segue comandando o “negócio”.²⁴

Entre línguas

Como vimos, o Chimbote teve um grande papel na vida dos peruanos, do autor, na economia do país e, sobretudo, na emergência de um determinado grupo social que, em certa medida, identifica o processo de migração no Peru. Por essa razão e pelas implicações político-sociais que ambientam a obra, pode-se dizer que *Hombres de mar* é, ainda, um livro sobre a memória popular moderna do país, cujo trabalho pesqueiro pode ser visto, segundo Julio Ortega (2011, p. 530), como a metáfora de uma modernização problemática não só daquela zona, mas também da natureza peruana constantemente violentada pelo sistema de extração de riquezas do país.

O papel da memória se desenrola, ademais, no fato de o autor apoiar-se em técnicas narrativas ocidentais para ampliar a voz de temas do mundo andino. Nessas narrativas, OCL constrói uma épica da cultura migrante que tem os pés fincados em “lo andino”, razão por que apresenta a realidade cotidiana do homem que sai do campo para a cidade ou da serra para a costa e leva consigo a magia e o mito primevos. OCL atenta para a oralidade que tanto assume vozes ancestrais quanto se mistura com o espanhol. Nas suas obras, o leitor depara-se com o espanhol quechuzado, em nível semântico e sintático, atravessando toda a narrativa.²⁵ Para além de uma revisão às origens, é uma atualização e posicionamento político-social. Afinal, apesar de o quéchua ser um dos idiomas oficiais do Peru, ele não é de domínio geral. Com isso, a língua espanhola mantém o prestígio, enquanto a língua autóctone é considerada inferior, utilizada por aqueles que estão à margem da sociedade (MONTE ALTO; SANTOS, 2012).

A comunicação linguística passa a caracterizar os sujeitos como aqueles que podem ou não pertencer a determinada hierarquia social e esta é outra luta a ser travada pelo sujeito migrante. Em virtude disso, a linguagem é um fator decisivo na identidade em trânsito apresentada em *Hombres de mar*, campo em que o papel de Quinllay é emblemático.

Mesmo tendo atingido o êxito econômico, seu comando é ameaçado pela falta de domínio do espanhol. Quinllay se embate constantemente com o idioma, na expectativa que a marca de *quechuhablante* desapareça. Sem conseguir apropriar-se do castelhano, a fala torna-se uma mistura cuja base é a interferência do quéchua. Essa situação faz lembrar do que assinala Sylvia Molloy: a escolha de um idioma leva inevitavelmente a certa spectralidade do outro, mas nunca ao desaparecimento (2016, p. 24). O personagem está absorvido pela lógica hegemônica que prega que a ascensão econômica está vinculada a reconhecimento social que, frequentemente,

²⁴ Quinllay/Muki é uma referência ao personagem real Eudocio Martínez Torres, mais conhecido por Olluquito, um dos donos da lucrativa Pesquera Hayduk. O empresário conciliava o negócio pesqueiro com o tráfico de drogas. Preso e acusado de vários crimes, incluindo assassinato, Olluquito foi libertado em pouco tempo.

²⁵ Destaca-se que, nas últimas obras de OCL, como *Rosa Cuchillo*, por exemplo, o texto vem seguido de um glossário quéchua/espanhol.

passa pelo uso “correto” da língua. Daí, a sua luta por atingir tal patamar e pertencer à elite chimboteana.

Infelizmente, para Quinllay, ele é duplamente enganado pelas suas pretensões. Primeiro, a ascensão econômica deve-se mais ao tráfico do que às atividades lícitas. Portanto, ele segue à margem. Em segundo lugar, sua personagem é conduzida a um desfecho que o leva diretamente para origens: acossado pelos seus crimes, foge para o Brasil. Quando, finalmente, consegue regressar, o avião cai no mar. Então, ele se transforma em um iguana que sobrevive sobre a carapaça de um caranguejo gigante. Ou seja, Muki está definitivamente absorvido pelo que mais refuta: a cultura quéchua.

Logo, a obra é um mundo caótico de línguas, vozes, crenças, espaços (mar, terra, selva, campo, cidade, serra), personagens de diferentes localidades e classes sociais e políticas. A cosmogonia andina está no passado e no presente, num eterno retorno que não permite ao migrante abandoná-la, tampouco evitar que ela interfira no universo cidadão. Existe, como se pode notar, a confluência constante da cidade com o mundo místico, razão por que Víctor Quiroz (2011) afirma que *Hombres de mar* avança para o campo simbólico, pois a mitologia andina pré-hispânica é recriada a partir de um diálogo com fontes literárias diversas, que vão desde representações pictográficas até a arte têxtil, tão cara à cultura andina. Assim, para Quiroz, ler determinadas passagens da obra é como passear diante de um grande mural e, nas paredes, perceber cantares, lendas, ciclos míticos que vão sendo narrados oralmente por um sacerdote ou por um *laykha*.²⁶ Com esses recursos de linguagem, OCL destaca a indissociabilidade entre os discursos histórico e mítico e homenageia a diversidade cultural, ao confirmar o caráter heterogêneo e contraditório da tradição peruana.

Para Cornejo Polar (1996) o sujeito migrante é o intérprete do fenômeno migratório. Essa condição, por ser heterogênea, promove um discurso literário que não se detém ou se preocupa com a conciliação de opostos, mas explora a riqueza que reside nessa interface, já que, de acordo com Cornejo Polar (1996), o discurso migrante é radicalmente descentrado, pois se constrói em eixos variados e assimétricos. Nessa linha, o crítico literário fala em sujeito plural que, como tal, é um operador de várias linguagens:

Quem fala, então, neste texto? Penso que a única resposta teria de sublinhar o seu caráter múltiplo, disperso, entrelaçado, capaz então (...) de abrir um amplo leque polifônico que inclui o tecido sutil de duas línguas. (...) Sujeito e discurso se pluralizam fortemente e o romance como tal se transforma em um espaço onde ambos perdem suas identidades seguras e definidas e compartilham, não sem conflito, uma semiose socializada e oscilante. (2011, p.180, *tradução nossa*).²⁷

Na vasta narrativa de OCL, “lo andino” se apresenta ligado a todas as mudanças, sem restrição espacial, temporal ou cultural. O autor também não cai na armadilha de “dar voz” – o que estabeleceria o caráter hegemônico típico da literatura especialmente *criolla*. Ao invés

²⁶ Bruxo andino correspondente ao xamã.

²⁷ *Do original*: ¿Quién habla entonces en este texto? Creo que la única respuesta tendría que subrayar su índole múltiple, dispersa, entreverada, capaz entonces (...) de abrir una amplia gama polifónica que incluye el sutil tejido de dos idiomas. (...) Sujeto y discurso se pluralizan agudamente y la novela como tal se transforma en un espacio donde uno y otro pierden sus identidades seguras y definidas y comparten, no sin conflicto, una *semiosis* socializada y oscilante

disso, ele agrega as variadas faces do texto à multiplicidade de vozes dos sujeitos, inclusive a própria, para gerar um mundo mestiço, híbrido e em constante movimento.

Ali está a realidade do Chimbote da infância de Colchado Lucio, dos pescadores que construíram suas narrativas, dos que migram da serra e vêm enfrentar o mar. Ali ocorre o diálogo cultural que mistura homens e mulheres de variadas procedências e mostra o modo como viver no porto é ser o porto. Tal identidade se conjuga na (con)vivência. Podemos dizer que a cultura pesqueira que move a todas as personagens e impregna todas as relações, anula, em certa medida, o “eu” e o “outro”, a costa e a serra, o migrante e o local.

Como bem analisa Santiago (2000), o entre-lugar no qual se coloca o escritor latino-americano, estendido, neste artigo, a OCL, é um movimento de resistência ao que foi estabelecido pelo modelo europeu. O autor recupera, no ambiente proposto em *Hombres de mar*, um encontro entre grupos que, como diria Santiago, estão marcados pela ignorância mútua (p.10). pode-se dizer, então, que OCL transforma o Chimbote em metalinguagem desse encontro traumático.

Vivien Silva (2023) destaca o incômodo da contradição do entre-lugar. É um lugar aparentemente vazio – porque ocupado pelo fluxo, pelo trânsito, pelo processo – que se constrói discursivamente em um estado que só pode existir na permuta constante. Estar ali, onde o mundo é problematizado como construção discursiva, impõe-se como um desafio da contemporaneidade “num contínuo desmascaramento da “lógica da língua” e de tudo o que ela encobre e resguarda.” (p. 94)

O migrante andino não chega à terra prometida, pois. Ele chega em uma nova perspectiva daquilo que deixou: a língua segue com ele, a serra também. Ele não se torna outro e descansa em paz. Ele, o campo, não se encontra com o outro lado de si, a cidade, binariamente. O migrante segue movido, tanto quanto o que habita não está estatizado pelo que julga conhecer. Ele se torna cada vez mais hibridizado como aquele que chegou. Com isso, o espaço passa a ser uma entidade que parece ser a única a saber que só existe em função dos ruídos que as línguas fazem.

Considerações finais

Hombres de mar é um romance exigente. As diversas vozes, tramas e personagens, a linguagem, a cultura pesqueira local e a cultura de tantos lugares que passam a habitar o porto transformam o romance em um desafio para o leitor. Mas é possível afirmar que, após algumas páginas, o mergulho naquele mundo repleto de possibilidades é inescapável. A leitura requer a mesma entrega que ocorre quando nos percebemos em meio a uma multidão, junto ao novo, ao caótico, ao outro.

Na perspectiva deste artigo, o entre-lugar e a heterogeneidade – segundo a considera Cornejo Polar –, se conciliam, pois, a literatura peruana – e, logo, a andina –, não se apega a uma ideia de unidade abstrata, à universalização do padrão dominante, mas se postula a multiplicidade.

Para este texto, optou-se por pensar na migração e, mais especificamente, no processo que coloca em profundo choque duas realidades de um mesmo país. É inegável a cisão existente, no Peru, entre a costa e a serra, tema de muitas discussões antropológicas, políticas e mesmo literárias. No entanto, OCL alcança, com *Hombres de mar* – e em outras obras –, relativizar a situação de embate étnico e cultural. Seguindo os passos do seu mestre maior, José Maria

Arguedas, demonstra o mesmo respeito por “todas las sangres”, ao conjugar a heterogeneidade como um modo de identificação. A narrativa é sobre um espaço de confluência, a cidade, personagem central do texto colchadeano. Em relação às vozes que ecoam os Andes, elas vêm a contribuir para que essa identidade seja multifacetada e, por isso, mais rica.

OCL se inscreve como sujeito profundamente afetado pela força do Chimbote. No entanto, está em um patamar diferente daqueles trabalhadores. Ele é quem os revela, homenageia, apresenta para um público cada vez mais amplo, dentro e fora do Peru. Então, remetendo à segunda epígrafe deste estudo, o autor, mais do que o escrevente da obra, mais do que um homem do mar, é, efetivamente, um *mitimae* que cumpre o papel de trazer a serra e a costa para todos, compartilhando saberes que, como saberes que são, se articulam no conflito e no trânsito.

Referências

ARGUEDAS, José María. **El zorro de arriba y el zorro de abajo**. Lima: Editorial Horizonte, 2011.

ARGUEDAS, José María. **Todas las sangres**. Lima: Horizonte, 2011.

AYALA MORA, Enrique. Ser andino. **El Comercio**, dic., 2012. Disponível em: <https://www.elcomercio.com/opinion/andino.html>. Acesso em: 12 fev. 2023.

AYLLÓN, Ricardo. La pesca como tema en la cuentística chimbotana. **Revista Científica In Crescendo**. Vol. 4 N° 1: pp. 193-197, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/DialnetLaPescaComoTemaEnLaCuentisticaChimbotana-5127544-1.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BUENO CHÁVEZ, Raúl. Antonio Cornejo Polar y los avatares de la cultura latinoamericana. Lima: UNMSM, Fondo Editorial, 2004.

BURGA, Manuel. La región andina: Integración, desintegración. ¿Historia hacia adentro o historia hacia afuera? In: BONILLA, H., LUMBRERAS, L. (org.) **Los andes**. El camino del retorno, Ecuador: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales & ABYA- YALA, 2001.

CARRASCO LIGARDA, Rosa. Palabras, creencias y ritos relacionados con el muqui, el duende de las minas. **Revista Consensus**, v.21, n.2, 2016. Disponível em: https://www.unife.edu.pe/publicaciones/revistas/consensus/volumen21_2/25.pdf. Acesso em: 06 fev. 2023.

CHANDÍA ARAYA, Marco. Espacios, discursos y modos de habitar **Chimbote** en Hombres de mar, (de Óscar Colchado Lucio). Hacia una tradición de la poética de la frontera chimbotana. **Revista Catedral Tomada**. Vol 4, N° 6 (2016). ISSN 2169-0847 (online). Disponível em: <http://catedraltomada.pitt.edu>. Acesso em: 6 fev. 2023.

COLCHADO LUCIO, Óscar. **Hombres de mar**. Lima: Alfaguara, 2011.

CORNEJO POLAR, Antonio. Apéndice: Condición migrante e intertextualidad multicultural: el caso de Arguedas – Conferencia pronunciada en el “III Encuentro Latinoamericano en

Berkeley”, 22 de abril de 1994. In: CORNEJO POLAR, Antonio. **Los universos narrativos de José María Arguedas**. Lima: Editorial Horizonte, 1997.

CORNEJO POLAR, Antonio. **Escribir en el aire**. Ensayo sobre la heterogeneidad socio-cultural en las literaturas andinas. 2ª ed. Lima: Latinoamericanas Editores, 2011.

CORNEJO POLAR, Antonio. **O condor voa: literatura e cultura latino-americanas**. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

CORNEJO POLAR, Antonio. Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrante en el Perú moderno. **Revista Iberoamericana**. vol. LXII, n. 176-177, 1996. p. 837-844.

ESCAJADILLO, Tomás G. **La narrativa indigenista peruana**. Lima: Amaru Ed., 1994.

HIGGINS, James. **Historia de la literatura peruana**. Lima: Universidad Ricardo Palma Editorial universitaria, 2006.

INCA GARCILASO DE LA VEGA. **Comentarios reales de los incas**. 2ª ed. Prólogo, edición y cronología de Aurelio Miro Quesada. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20190904031821/Comentarios_reales_1_Inca_Garcilaso_de_la_Vega.pdf. Acesso em: 30 mai. 2023.

LAUREANO, Ketty Aire. Migração e identidade: Um estudo sobre os andinos no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

LOUDOR, Wooldy Edson. **Articulaciones del desarraigo en América Latina: el drama de los sin hogar y sin mundo**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2016.

MINISTERIO DE CULTURA DEL PERÚ. *Base de datos de pueblos indígenas u originarios*. Quechua. Disponível em: <https://bdpi.cultura.gob.pe/lenguas/quechua>. Acesso em: 07 mai. 2023.

MOLLOY, Sylvia. **Vivir entre lenguas**. Buenos Aires, Eterna Cadencia, 2016.

MONTE ALTO, Rômulo; SANTOS, Rogério dos. Memória e violência no romance Rosa Cuchillo, de Óscar Colchado. **IPOTESI**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 157-165, jan./jun. 2012. Disponível em: http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/15-Memoria-e-violencia-Ipotesi_16.1.pdf. Acesso em: 04 mai. 2023.

ORTEGA, Julio. Contracapa. In: COLCHADO LUCIO, Óscar. **Hombres de mar**. Lima: Alfaguara, 2011.

OSORIO TICONA, Juan Alberto. Literatura andina. *Hawansuyo - Poéticas indígenas y originarias*. Blog. 2016. Disponível em: <https://hawansuyo.com/2019/09/16/literatura-andina-juan-alberto-osorio/>. Acesso em: 07 mar. 2023.

PROVINCIA DEL SANTA. **Chimbote**. Blog. Disponível em: <http://santa-ancash-peru.blogspot.com/search/label/Distrito%20de%20Chimbote>. Acesso em: 20 jan. 2023.

QUIROZ, Victor. El narrador océano. **El Hablador**. 2011. Disponível em: http://www.elhablador.com/resena20_quiroz.html. Acesso em: 28 abr. 2023.

ROSA, Fernando. **Breve historia general de los peruanos**. 2ª ed. Arequipa: El Lector, 2016.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos**. Ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

SILVA, Vivien Gonzaga e. O ensaio como zona de fronteira: o pensamento crítico de Silviano Santiago e Michel de Montaigne. **Itinerários**, Araraquara, 22, 91-102, 2004. Disponível em: Acesso em 26 jun. 2023.

TORO MONTALVO, Cesar. **Literatura peruana**: de los incas a la época contemporánea. Lima: A.F.A. Ed., 1994.

VALVERDE, Arturo. **El Peruano**. Entre el mar y la montaña – entrevista Óscar Colchado Lucio/Hombres de mar. Lima, 2011. Disponível em: <https://elperuano.pe/suplementosflipping/variedades/543/web/pagina03.html>. Acesso em: 12 abr. 2023.